

Rodrigo M. F. de Andrade

Àquele político mineiro se deve, entre outras realizações de grande importância cultural, que se torna aqui desnecessário enumerar, a criação do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, onde, pela primeira vez entre nós, se cogitou, por uma instituição oficial, de proteger os monumentos artístico-históricos, em todas as regiões do País, monumentos até então deixados ao abandono, ou entregues à livre ação dos antiquários e colecionadores, ou, ainda, ao descaso dos proprietários que, sem a compreensão devida, contribuíram para a destruição de muitos deles.

À criação da nova instituição, se acrescentou a felicíssima escolha que fez aquele Ministro, para a sua direção, entregando-a à dedicação, inteligência e cultura do Dr. Rodrigo M. F. de Andrade, que, por mais de 30 anos esteve à frente do seu destino.

Data da atuação do Dr. Rodrigo, jornalista e escritor, uma série de estudos do maior interesse cultural – até então apenas, imperfeita e aleatoriamente elaborados – série que compreende o aperfeiçoamento dos estudos já iniciados, sobre a arquitetura barroca mineira e a sua extensão às outras partes do Brasil; as pesquisas e levantamentos fotográficos da pintura colonial, pela primeira vez examinada sob a luz científica; a criação de museus regionais, etc.

Entre os diversos empreendimentos ligados ao nome do Dr. Rodrigo contam-se o tombamento de várias velhas cidades mineiras, agora objeto de grande interesse turístico, assim como de edifícios históricos em outros Estados da federação: Bahia, Pernambuco, Rio de Janeiro, São Paulo, etc.; a organização de uma biblioteca especializada em assuntos histórico-artísticos, que dizem respeito à formação de nossa cultura, e até mesmo se estendem ao complexo cultural ibérico a que estamos ligados, por prolongamento ou transplantação (assuntos hispânicos, mouriscos, africanos, flamengos, etc.); a edição da *Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional* e de uma série de publicações outras, onde foram divulgados diversos trabalhos de pesquisas, realizadas por ele, por seus auxiliares e também por alguns historiadores já conhecidos que, embora alheios à repartição, já vinham se interessando pela natureza dessas investigações; a instalação de um serviço de moldação da obra do Aleijadinho, notável trabalho, que, infelizmente, não chegou a se concretizar no museu de moldagens a que se destinava; o interesse que sempre tomou pelas técnicas da museografia e da museologia, com a introdução de medidas para melhorar as condições de luz, de disposição ambiental dos museus, juntamente com as instalações de um laboratório para a limpeza, restauração de pinturas, esculturas e edifícios de valor histórico ameaçados de ruína, ou mesmo deteriorados pela ação do tempo e de outras causas.

Seria difícil, em tão poucas palavras, enumerar todos os trabalhos realizados ou orientados pelo Dr. Rodrigo M. F. de Andrade no longo curso de trinta anos de dedicação e amor pela “natureza” histórico-artística brasileira.

Cumpre, entretanto, assinalar como aspecto principal de sua obra – motivo e consequência de seu êxito – a serena atitude, que lhe vinha do seu próprio temperamento moderado – atitude serena, sempre mantida nos litígios que surgiam, a cada passo, com as partes interessadas no não cumprimento da lei que ampara a conservação dos monumentos: o que surgiu, por exemplo, com os próprios poderes públicos, e que resultou na destruição da Igreja de São Pedro dos Clérigos, no Distrito Federal, por ocasião da abertura da Avenida Presidente Vargas, resultado que lhe trouxe, e a todos que com ele trabalhavam, uma sensação de desgosto; mas, por outro lado, compensando essa derrota, houve também, aqui mesmo no Rio de Janeiro, os seus ganhos de causa que levaram à valorização do aspecto urbanístico-visual do Convento de

Santo Antônio, e, sobretudo, a da Igreja da Glória, hoje sinal, com os elementos naturais “ilustres” da região (Pão de Açúcar, Pedra da Gávea, Corcovado), hoje sinal, marca, característica fundamental da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro.

Se, como dizem os filósofos, a verdade é apenas o limite para que tendem os nossos erros, os erros porventura cometidos pelo Dr. Rodrigo, com o tempo, irão se aproximando, cada vez mais desse limite, dessa verdade, que é o próprio símbolo do seu firme temperamento e do seu caráter puro.

1969